

Caderno

Artístico

Maio 2024 - Ano 3 • Nº 5

O juiz federal aposentado Antônio Francisco Pereira faz homenagem a Ziraldo, na crônica "Meninos Maluquinhos".

A desembargadora federal aposentada Orlanda Luiza contribui nesta edição com as poesias: "Alegria Alegria" e "Saudade Caminhante".

O desembargador federal aposentado Raldênio Bonifácio Costa apresenta, por meio de fotografias, o amanhecer da Praia de Icaraí, em Niterói (RJ).

#CRÔNICA

Página 5

#POESIA

Páginas 4 e 6

#FOTOGRAFIA

Página 14



ESPAÇO DOS(AS)
Aposentados(as)



AJUFE

Mensagem

DA COORDENADORA

O biênio 2022-2024 vai chegando ao fim. No próximo dia 5 de junho será empossada nova diretoria na Ajufe, eleita para os próximos dois anos. A pasta dos aposentados e pensionistas passará à direção da colega Liliane do Espírito Santo Roriz de Almeida, desembargadora federal aposentada do TRF da 2ª Região, a quem, desde já, desejo um período profícuo e gratificante.

O Caderno Artístico foi projeto concretizado durante nossa gestão e representou a retomada de um veículo de expressão para produções literárias e artísticas em geral de magistrados (as) aposentados (as). Tivemos a alegria de apresentar seis edições, com contribuições de colegas de diferentes regiões, cujos textos, fotos e poesias ampliaram nossa percepção da vida e do humano, para além das letras jurídicas. Este espaço foi concebido como um possível embrião de publicação mais ampla e abrangente de contribuições de toda magistratura federal. Talentos não faltam entre nós e oxalá possamos cultivá-los e publicá-los sempre.

Nesta edição, a última desta gestão, contamos com as poesias "Saudades Caminhantes" e "Alegria Alegria", de Orlanda Luiza, as crônicas "Meninos Maluquinhos", de Antonio Francisco Pereira e "Santa Maria Madalena, breve memória profana sobre sua sina insólita", com ilustrações, de B.G. da Costa Fontoura. As fotos "Amanhecer na Praia de Icarai" são de Raldênio Bonifácio da Costa. Este Caderno, mais uma vez, ensejará um momento de deleite literário e visual a todos e todas, um breve refúgio contra nossas atribulações.

Despeço-me desta Diretoria agradecida. A atuação me deu novos amigos, ampliou meus conhecimentos, estimulou minhas capacidades para enfrentar desafios, favoreceu uma melhor compreensão de todo o sistema de Justiça. Sinto saudades antecipadas. Todavia, se o trabalho que conduzimos na Diretoria dos Assuntos de Interesses dos Aposentados tiver contribuído, em alguma medida, para que os magistrados e magistradas federais aposentados (as) se tornassem mais visíveis no conjunto da carreira, estarei largamente compensada.

Com esta mensagem, envio aos caros e caras colegas forte abraço e deixo o meu incentivo para que prossigamos unidos e participativos na nossa Associação, fazendo-a forte e respeitada para que possa, sempre, alcançar de seus objetivos.

Maria Helena Rau de Souza
Juíza federal aposentada da 4ª Região
e Diretora de Assuntos de Interesses
dos Aposentados da Ajufe



SUMÁRIO

Mensagem da coordenadora 2

Maria Helena Rau de Souza

Juíza federal aposentada da 4ª Região

Poesia 4

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Crônica 5

Antônio Francisco Pereira

Juiz federal aposentado da 6ª Região

Poesia 6

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Crônica 7

B. G. da Costa Fontoura

Juiz federal aposentado da 2ª Região

Fotografia 14

Raldênio Bonifácio Costa

Desembargador federal aposentado da 2ª Região

Expediente

Coordenação: **Maria Helena Rau de Souza**

Coordenação de comunicação: **Priscilla Peixoto**

Revisão: **Eduardo Gomes**

Diagramação e projeto gráfico: **Lucas Soares**

**Ajufe – Setor Hoteleiro Sul, Quadra 6, Bloco E,
Conjunto A, Sala 1305**

Brasil 21 - Ed. Business Center Park - CEP 70322-915

Tel.: (61) 3321-8482

Contato

imprensa@ajufe.org.br

www.ajufe.org.br

www.facebook.com/ajufe.oficial

www.youtube.com/tvajufe

www.twitter.com/ajufe_oficial

www.instagram.com/ajufe_oficial

www.flickr.com/ajufe_oficial

Poesia

Saudade Caminhante

A saudade veio andando, sozinha, vagarosamente.
 Seu vestido era roxo, tão roxo.
 Calçava sandálias incolores e seu olhar era meio tristonho.
 Falou baixinho aos meus ouvidos.
 Veio lembrando um passado remoto, já esquecido.
 Aguçou minha mente e fez um retorno até indesejado à juventude longínqua.
 Verdadeira regressão.
 Na hora, zanguei-me com ela...
 Depois, depois...vi que trazia doçura e encantamento em seu seio, um semblante ameno, um leve aceno de ternura.
 Tornou-se menina, uma criança adorável, fazendo graça e traquinagens.
 Brincou tanto que me aconcheguei a ela, abracei-a, beijei-lhe a face, acariciei-lhe os cabelos loiros. Dançamos e pulamos corda.
 Subimos em mangueiras frondosas, andamos de bicicleta, comemos goiaba verde e até brotinhos da planta.
 Ela correspondeu e compartilhou meus anseios infantis.
 Logo já era adolescente rebelde e bela jovem.
 A zanga inicial transmutou-se em grande amizade, empatia, interação.
 Passamos a dialogar, contar e recontar sonhos e feitos juvenis.
 Vieram à tona jogos, bancos escolares, a família inteira, toda de jovens adultos, a mesa completa.
 Viagens, amores, serenatas, bailes, músicas românticas, beijos e abraços. Casamento, uma nova família, vitórias na vida pessoal e profissional, decepções misturadas ou seguidas de grandes alegrias, fazendo tudo valer a pena.
 Pedi que ficasse aqui, sempre. Ela sutilmente se recusou. Não queria falar de mais nada comigo, pois havia chegado outro tempo, trazendo reminiscências e marcas fúnebres que não gosta de rememorar com ninguém.
 Compreendi. Tive de aceitar sua decisão, a contragosto, porém, afinal, quis poupar-me.
 Seguiu a caminhar, passos morosos, adentrando, decerto, outras vidas, em suas diversas fases.
 Passei a amar a saudade e meu coração arroxou-se e chorou de saudade.



Autoria

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Meninos Maluquinhos

Morei um bom tempo no bairro Serra, em Belo Horizonte, quando os filhos eram menores, e fomos muito felizes lá. Bons vizinhos, comércio pertinho, vias de fácil acesso e nenhum problema de segurança. Mas agora acabei de saber, lendo uma antiga reportagem do Estado de Minas, que uma quadrilha de ladrões tirou o sossego do bairro há exatamente 91 anos, ou seja, no longínquo 1932, quando as casas dominavam a paisagem, com seus jardins e abrigo de animais.

Vários moradores foram vítimas do bando que, naquela época, certamente não furtavam motos nem celulares. Furtavam, isto sim, galinhas. Cada dia, numa casa. Depois das primeiras ocorrências, a Delegacia de Furtos ainda demorou dois meses para solucionar o caso e devolver a paz aos galinheiros da região. Mais tempo que a recaptura dos fugitivos da Penitenciária de Mossoró.

Mas o que causou surpresa mesmo foi a identificação dos "marginais". Meninos, todos eles. Quatorze pirralhos que, armados de estilingue, furtavam as "penas" para vendê-las e, com o dinheiro nas mãos, comprar balas e bilhetes de cinema. A farra durou quase todo o segundo semestre de 1932.

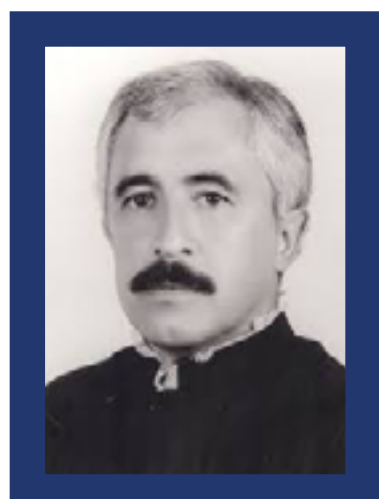
O caso me chamou a atenção também porque, coincidentemente, em outubro daquele ano nascia em Caratinga Ziraldo Alves Pinto. Mineiro da gema, o multitalentoso escritor e cartunista faleceu há pouco, deixando um vazio impreenchível em nossos corações e uma vasta obra no campo da literatura e das artes gráficas.

Parece até que a história do Menino Maluquinho foi inspirada nas peraltices dos moleques que tiraram o sossego do bairro. Nascido na mesma época, o seu autor, além do sugestivo sobrenome, pode ter recebido, desde então, os eflúvios do episódio. E eu, atrevido, tomo a liberdade de nominar esta crônica na mesma linha. Espero que, lá no descanso eterno, Ziraldo me perdoe.

De qualquer forma, não deixa de ser reconfortante saber que já houve uma época em que a grande notícia no mundo do crime, digna de ganhar as páginas policiais, envolvia uma quadrilha de delinquentes mirins, reincidente nos assaltos aos galinheiros da vizinhança.

Até me deu vontade de, para ocupar meu tempo de aposentado, voltar a morar no bairro Serra, numa casa com galinheiro.

Mas – *que pena!* – esses tempos não voltam mais.



Autoria

Antônio Francisco Pereira

Juiz federal aposentado da 6ª Região

Poesia

ALEGRIA ALEGRIA

Toda alegria do dia, outra vez, toma conta de mim.
Aspiro perfume de rosas e lavandas.
Colho flores do campo e beijo beija-flores.
Saúdo o sol, a lua, as estrelas...

Imagino o fundo de um oceano cheio de algas
marinhas, flores rosadas e peixes a nadar
em águas verdes e profundas. Nessa
hora tudo é cor e vida.

Resplandecem constelações distantes e
o mais próximo satélite da Terra indica lua cheia...
cheia de romantismo e suavidade...

Sinto emoções que incendeiam meu coração.

Todo meu corpo estremece e silencia contido.

Minh'alma vibra e se contorce...

Meus olhos brilham e irradiam sensações de júbilo...

O mundo inteiro dança dentro de mim.

Meu íntimo canta e ecoa a distância uma grande felicidade.

Sorrio e extravaso e rompo com a indiferença.

Cada momento ressoa uma voz de encantadora maravilha.

Estou multiplicando vibrações positivas e as compartilho com você.

Vejo beleza em detalhes e pormenores.

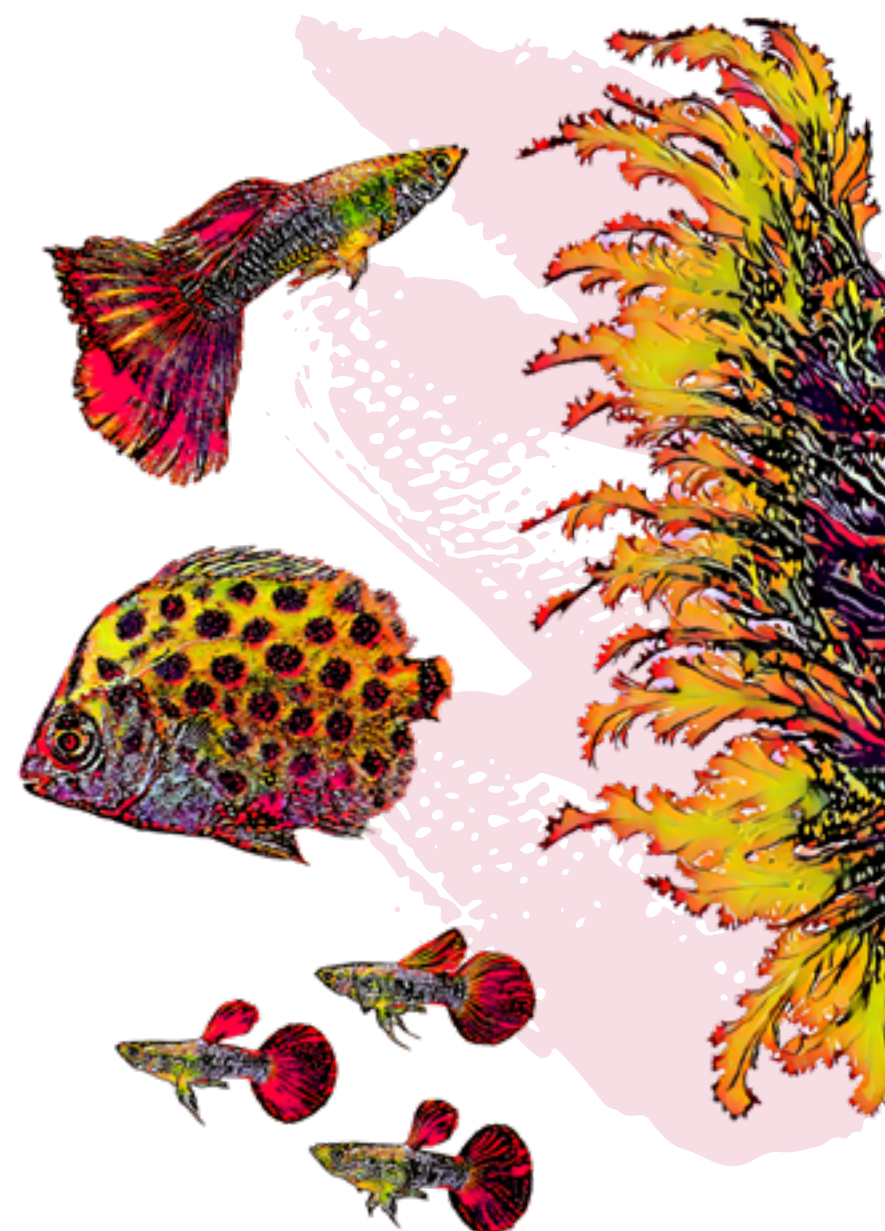
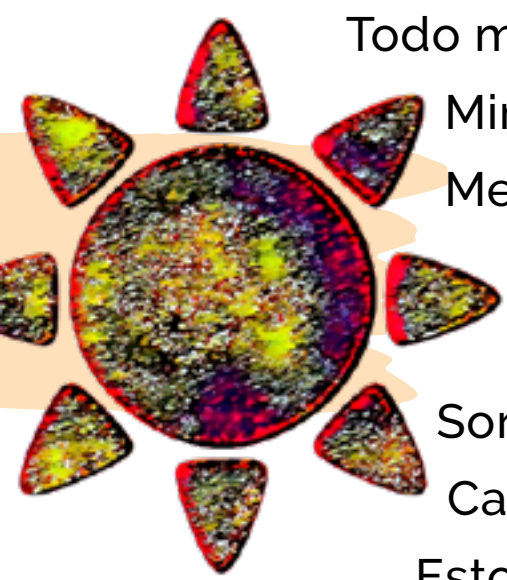
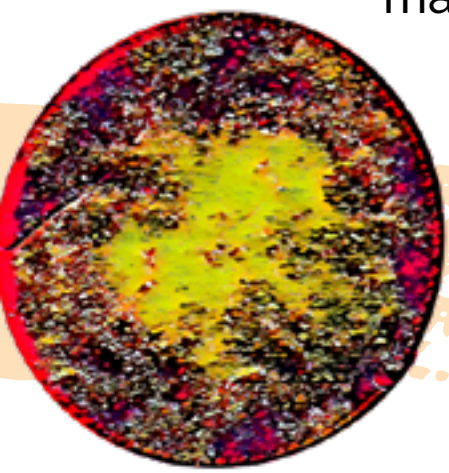
Nada me parece de somenos importância.

A presença do Ser Supremo está presente.

Sou hoje pura alegria, sem dúvidas, sem mágoas, sem talvez.

Efervescência. Deslumbramento.

Estou dizendo um sonoro SIM de amor à vida!



Autoria

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Santa Maria Madalena

Breve memória profana sobre sua sina insólita

"Ninguém acende uma lâmpada e a cobre com um vaso ou a põe debaixo da cama, mas põe-na sobre um castiçal, para iluminar os que entram. Porque não há coisa oculta que não acabe por se manifestar nem secreta que não venha a ser descoberta".

LUCAS 8:16-17

EXÓRDIO. Os povos indo-europeus professavam religiões politeístas, adorando, portanto, diversos deuses, assim como diversas deusas. A título simplesmente exemplificativo e sem caráter de exaustão, enumeram-se aqui as deusas celtas Brigit ou Bridget, Epoma, Modron e Rhiannon, as deusas germânicas Freia, Frigg, Idun e Jörd e as deusas indianas Cáli, Durga, Lakshmi e Sarasvati. No panteão grego, por sua vez, dentre os doze deuses principais, cinco eram do gênero feminino: Afrodite, Ártemis, Deméter, Juno e Palas Atena, as quais, correspondiam, no panteão romano, respectivamente, a Vênus, Diana, Ceres, Hera e Minerva. Embora advinda de um povo alheio aos indo-europeus, a deusa egípcia Ísis também era muito cultuada na antiga Roma. Diametralmente oposto àquelas religiões, o judaísmo proclamava a existência de uma divindade única e inefável, integrante do gênero masculino, e considerava falsas todas as demais. Ora, o cristianismo sobreveio como heresia nazarena do judaísmo no século I, mas, já na sétima década deste, se qualificava ele como religião independente, sem, entretanto, se afastar da doutrina monoteísta. O seu triunfo e o subsequente reconhecimento como religião oficial do Império Romano (século IV) implicaram a ruína do helenismo e o banimento daqueles antigos deuses e deusas e também das suas respectivas sacerdotisas, restringindo-se o exercício do sacerdócio ao gênero masculino. Menos de cem anos depois, abatia-se sobre o Ocidente uma tenebrosa noite que perduraria por quase um milênio, deveras repleta de obscurantismo e de intolerância religiosa, voltando a luz somente às custas de muitos sacrifícios. Ora, os europeus afeiçoados a adorar não apenas deuses como também deusas se ressentiram da ausência destas e, através de subterfúgios saudosistas, trataram de compensar a falta do elemento feminino na deidade, valendo-se daqueles recursos que as circunstâncias lhes disponibilizaram...

1 — Presença registrada em avultados momentos da vida pública de Jesus e, sobretudo, quando da sua morte, Maria Madalena ou Maria de Magdala constitui uma das mais conspícuas personalidades dos primórdios do cristianismo, quando, a rigor, este ainda germinava como mera heresia do judaísmo. A sua preeminência se revela ainda maior nos textos apócrifos, que o dogmatismo cristão romano proscreveu da Bíblia. Desde logo, porém, cumpre deixar patente que o vocábulo Madalena faz as vezes de um adjetivo gentílico, concernente ao topônimo Magdala (outrora Magadan e hoje Migdal), significando torre, localidade da Galileia, na margem oeste do lago de Tiberíade ou lago de Genesaré (hoje no Estado de Israel). Logo, a bíblica Maria Madalena deveria ter sido uma nativa ou habitante dali, mas, paradoxalmente, esta mesma denominação compósita já serviu para identificar três mulheres distintas¹, mencionadas pelos quatro evangelistas canônicos, em diferentes trechos dos seus respectivos relatos.

2 — A primeira das três teria sido uma galileia que assistia Jesus com as suas posses e desfrutava da companhia de Joana, consorte de Cuza, procurador do tetrarca Herodes Antipas (Lucas 8:1-3) - presumivelmente, pois, mulher abastada, livre do poder paterno ou marital (divorciada ou viúva) e helenizada - de quem Jesus expulsara sete demônios (plausível metáfora para doenças corporais ou espirituais), tornando-se sua discípula constante, acompanhando-o e ajudando-o em seu ministério na Galileia (Marcos 16:9; Lucas 8:2), testemunhando a crucificação e o sepultamento (Mateus 27:56 e 61; Marcos 15:40; Lucas 23:49; João 19:25) e vindo a ser reconhecida como a primeira pessoa a contemplar Jesus ressurgido (Mateus 28:1-10; Marcos 16:1-10; Lucas 24:1-10; João 20:1-18). A segunda das três teria sido a mística Maria, irmã de Lázaro e Marta, que, recebendo a visita de Jesus em sua casa, se sentou aos seus pés para ouvi-lo falar (Lucas 10:38-42) e que, durante um jantar em Betânia, lavou os pés de Jesus com valiosos óleos perfumados, trazidos em um recipiente de alabastro, e que, a seguir, os enxugou com os próprios cabelos (Mateus 26:6-13; Marcos 14:3-9; João 11:2; 12:3-8). Por fim, a terceira e última teria sido uma *pecadora* (eufemismo para evitar o termo prostituta), que prestou a Jesus uma homenagem semelhante à prestada pela segunda e a quem Jesus perdoou (Lucas 7:37-50).

3 — Na tradição oriental, Maria Madalena teria acompanhado o evangelista João a Éfeso, Ásia Menor (hoje Selçuk, perto de Esmirna, Turquia), onde morreu. Na tradição francesa, ela teria evangelizado a Provença, vivido na montanha Sainte-Baume, perto de Massilia ou Massalia, Gália (hoje Marselha, França), ou em uma caverna alpina, vindo a morrer em Aquae Sextiae (hoje Aix-en-Provence), tendo o seu crânio sido conservado no interior da basílica de Santa Maria Madalena, em Saint-Maximin-la-Sainte-Baume, departamento de Var, região da Provença. Conforme lenda medieval, por sua vez, ela teria se casado com o citado João. Aparentemente contraditórias, as tradições oriental e francesa podem ambas refletir a verdade, se se aceitar que concernem a duas Madalenas distintas, e não apenas a uma. Algo, todavia, se mostra inequívoco: o nome Maria Madalena não figura nos Atos dos Apóstolos, livro também atribuído a Lucas, diferentemente do nome de Maria, mãe de Jesus (Atos 1:14), o que leva a se presumir que, na época ali retratada, imediatamente subsequente à da crucificação, ela estaria vivendo afastada da Palestina, embora tanto esta última como a Ásia Menor e a Gália permanecessem então sob o domínio imperial romano. Semelhantemente, Epístolas e Apocalipse a omitem.

4 — Em homilia de 591, o papa Gregório Magno (c. 540–604) identificou aquela tríade como sendo uma única mulher, o que contribuiu para o incremento do seu culto, mas também para estigmatizá-la como exercitante da prostituição. Ela, então, se torna musa inspiradora das artes plásticas de vários povos, vindo a ser imortalizada através de obras enriquecedoras da iconografia da cristandade, notadamente durante a Renascença². Na verdade, equivocados ao presumirem retratar uma rameira, os artistas burlavam a censura eclesiástica, sob o pretexto de que estavam retratando uma santa. Quase quatorze séculos depois, o papa Paulo VI (1897–1978), através da *Constitutio Apostolica*, de 3 de abril de 1969, instituiu um novo missal, facilitando a revisão do amálgama unificador, a fim de se extirpar o estigma degradante. Fê-lo, todavia, de maneira indireta, despida de autocrítica, através de uma tímida ablação da referência à *pecadora* (Lucas 7:37-50) na festa de santa Maria Madalena, celebrada em 22 de julho. A moderna erudição, porém, se inclina no sentido de distinguir as três, sem as confundir.

5 — Em 1896, o egiptólogo alemão Carl Rheinhardt adquiriu de antiquário caiota um manuscrito em copta, bastante mutilado, contendo tradução do original grego do Evangelho segundo Maria, claramente atribuído a Maria Madalena, datado do século II, conquanto alguns estudiosos o considerem como do final do século I e, improvavelmente, até mesmo como coevo de Jesus. Único escrito apócrifo de tal natureza conferido a uma mulher, não chegou ele a ser publicado até 1955, quando impresso em edição alemã, ulterior, aliás, à descoberta dos códices em Nag Hammadi (1945). O texto integra o Codex Akhmin e compreende perguntas de discípulos, ali incluídos os irmãos André e Pedro, além de Levi (o evangelista Mateus), sobre a sua missão junto aos gentios, perguntas essas às quais Madalena responde incitando-os à coragem. Trata-se de trechos sob claras influências gnósticas (esotéricas), onde ela desempenha função preeminente, pairando em patamar súpero ao dos demais condiscípulos.

Ela ali aparece como a adepta mais amada, porém em sentido apartado de qualquer conotação sexual, impondo-se o seu peculiar *status* apenas em virtude da sua visão pessoal do Salvador.

6 — Em 1945, foram encontrados em Nag Hammadi, Quinã, Alto Egito, treze códices de papiro, encerrando cinquenta e dois tratados sobre o cristianismo primitivo, traduzidos do grego para o copta, de conteúdo predominantemente gnóstico. Integram o Codex Akhmin e, dentre eles, se acham o Evangelho segundo Tomé Dídimos (NHC II, 2), o Evangelho segundo Filipe (NHC II, 3) e o Diálogo do Salvador (NHC III, 5), que engrandecem Maria Madalena. Respondendo a perguntas desta, Jesus assinala a puerilidade dos seus discípulos (Tomé 21) e, ao final daquele Evangelho, Pedro se propõe a expulsá-la do meio, sob o pretexto de que *as mulheres não são dignas da vida*³. A isto Jesus se contrapõe, prometendo torná-la masculina, com um espírito vivo, apto a entrar no reino dos céus (Tomé 114). Madalena também é apontada como cônjuge ou como companheira de Jesus, que caminhava continuamente com ela (Filipe 32) e que a beijava [na boca], provocando nos demais discípulos a desconfiança de que ele a amava mais do que amava os outros (Filipe 55). Já no Diálogo do Salvador, Madalena também exerce liderança, formulando mais perguntas do que os demais discípulos. Esquadrinhando tais manuscritos, a pioneira Elaine Pagels (n. 1943) publicou *The Gnostic Gospels* (1979), um clássico, onde, de forma acadêmica, expõe uma exegese bastante inovadora da doutrina e das tradições cristãs.

7 — Dez anos depois da descoberta em Nag Hammadi (1945), o polígrafo cretense Nikos Kazantzákis (1885-1957) produziu o perturbatório romance *A última tentação*⁴ (orig. grego τελευταίος πειρασμός ου, na transliteração, *O televtaíos pirasmós*, 1955), encerrando ensaio psicológico alternativo sobre Jesus e retratando Maria Madalena como sua prima, filha de um rabino, a qual subsistia como meretriz, mercadejando com diversificada clientela. Tal mister, na verdade, estava em consonância com o entendimento pontifical, vigorante desde fins do século VI e ainda não revisado à época do lançamento da obra. A inflexível Igreja Ortodoxa Grega, que, de resto, nem perfilhava a triplice fusão, anatematizou o autor e, condescendentemente, a Igreja Católica Apostólica Romana inseriu o romance no *Index Librorum Prohibitorum*.

8 — Assim como os basilidianos⁵ (séculos II a IV), que proclamavam ter sido Simão de Cirene o verdadeiro crucificado na colina Gólgota, outras seitas, abundantes nos primeiros tempos do cristianismo, à época apodado de galileísmo, também negavam a crucificação de Jesus. Colidem elas, assim, frontalmente com as versões dos quatro evangelistas canônicos, datadas do século I (c. 60 – 100), onde se descrevem o suplício da crucificação e a conseqüente morte na cruz (Mateus 27:35-50; Marcos 15:24-37; Lucas 23:33-46; João 19:18-30). Sob a influência daquelas crenças, o Corão (século VII), por sua vez, no controverso versículo 157 da surata 4 (*As mulheres*), adota uma categórica negativa da crucificação ou, pelo menos, da morte na cruz⁶. Tal ideia contraria o entendimento de qualquer dos atuais segmentos da cristandade (anglicano, católico, ortodoxo, protestante etc.) e nem chega a constituir uma criação original do Islã. No século XX, entretanto, essa mesma ideia refloresceu no âmbito literário ocidental e, há cem anos, George Moore (1852 – 1933) publicou *The Brook Kerith* (1916), biografia romanceada de Jesus, na qual o biografado teria sobrevivido à crucificação. Semelhantemente, D. H. Lawrence (1885 – 1930) publicou *The Man who Died* (1931, lançamento póstumo), Robert Graves (1895 – 1985) publicou *King Jesus* (1946) e Hugh Schonfield (1901-1988) publicou *The Passover Plot* (1965).

9 — Nas últimas duas décadas do século XX, avoluma-se a biblioteca a respeito da ideia de que Jesus, sobrevivendo à crucificação, teria buscado refúgio no sul da Gália, junto com a sua consorte – presumivelmente Maria, irmã de Marta e Lázaro, a mulher com o recipiente de alabastro, a segunda Madalena (v. item 2, retro). Ali, o casal passou a residir, gerando prole, da qual proviria, ademais, a dinastia franca dos merovíngios, primeira a reinar na França (448 – 751). Naquela região meridional, sempre foi ela, realmente, bastante cultuada. A maioria das obras, porém, sequer chega a invocar a visão corânica, atendo-se mais a antigas correntes cristãs, cuja orientação heterodoxa

subsiste enraizada no seio da alma popular em algumas áreas, exercendo papel involuntário para remediar a obscuridade histórica de certos episódios.

10 — Obras de tal jaez⁷, dentre outras, inspiraram o estadunidense Dan Brown (n. 1964) a engendrar a rocambolesca trama do romance *The Da Vinci Code* (2003), um estrepitoso *thriller*, em cujo epílogo a heroína Sophie Neveu, jovem francesa, se descobre como descendente de Jesus e Maria Madalena. Como acontecera em casos similares, obras de não ficção influenciaram também esta urdidura ficcional, a partir de cujos rastros, aliás, logo depois, o jornalista Dan Burstein (n. 1953) edita *Secrets of the Code* (2004), um compêndio de ideias e textos extraídos de livros, revistas, sítios eletrônicos e entrevistas com escritores e estudiosos do assunto.

11 — Há muitos séculos, antiquíssimos escritos tiveram vedada a sua inserção nos textos bíblicos pelas autoridades eclesiásticas romanas ou foram por estas expurgados de tais textos. As recentes descobertas daquelas antiguidades conduzem, porém, à legítima presunção de que os relatos petreamente canonizados não chegam a exaurir toda a realidade e de que versões novas de velhos fatos podem exsurgir quando menos se espera, potentes para redefinirem a verdade. Infelizmente, navegando por espaços de ambíguo vácuo, onde perambula a traiçoeira incerteza, alguns dos modernos autores que exploraram a matéria incluíram, em seus polêmicos trabalhos, fundados, às vezes, em arriscadas conjecturas, trechos que denotam mescla de flagrante aventureirismo, exagerada excitação pelo sensacionalismo, superdoses de miopia intelectual e até mesmo carência de capacidade propedêutica suficiente para cuidar do assunto.

12 — Debilmente iluminada pelo helenismo, já então agonizante, a heresia nazarena do judaísmo se transmuda no cristianismo (sétima década do século I) e conquista prosélitos de variadas culturas, universalizando-se com celeridade. No entanto, a divindade monolátrica e inefável dos hebreus (orig. hebraico יהוה ou, na transliteração, *YHVH*, *Javé*), cujo nome nem deveria ser pronunciado, permanece na sua feição exclusivamente masculina, embora tivesse criado a humanidade à sua imagem, como homem e mulher (Gênesis 1:27; Mateus 19:4; Marcos 10:6), e não apenas como homem. Merecia tal divindade, pois, ser venerada simultaneamente como pai e como mãe, e não apenas como pai, mas uma pertinaz solidariedade antifeminina congrega e macula o mundo judaico-cristão, ampliado desde o século VII para mundo judaico-cristão-muçulmano. Carece tal comunidade monoteísta, portanto, do elemento feminino da deidade e, assim, remanesce ela privada da relação harmônica entre opostos, vínculo esse que, por coerência, deveria ser análogo ao da díade dos multisseculares princípios taoístas *yin-yang*.

REMATE. No século XIX, o filósofo Auguste Comte (1798 – 1857) pretendeu instituir o positivismo como a *religião da humanidade*, com escandalosa supremacia do gênero masculino sobre o gênero feminino, mas, sem embargo disto, sequer deixou ele de conferir um quase endeusamento à sua amante platônica Clotilde de Vaux (1815 – 1846). Ao final do século XX, como estratégia inconsciente para suprir a carência da presença do feminino na ambigüidade do divino e com arrimo em redivivos escritos gnósticos, alheios à canonicidade institucionalizada, uma onda de excêntricas interpretações novas recorre a Maria Madalena. E recorre justo a esta recatada mulher que, na Idade Média, o papado, supondo que poderia reescrever a história, proclamara cortesã *post mortem*, mas que, a despeito de tal sina insólita, resulta agora indigitada por aquelas interpretações como presumível cônjuge do Jesus histórico!...

NOTAS

¹ Maria (orig. hebraico מרים ou *Miriam* na transliteração) era um ginecônimo corriqueiro no seio da comunidade judaica, pois evocava a profetisa irmã dos patriarcas Moisés e Aarão (Êxodo 15:20-21; Números 12:1, 10-15; 20:1).

² Nas artes plásticas, Maria Madalena constitui tema de obras de Giotto di Bondone (c. 1267 – 1337), Angelo Puccinelli (séc. XIV), Donato di Betto Bardi, dito Donatello (c. 1386 – 1466), Fra Angelico (c. 1400 – 1455), Sandro Botticelli (1444 – 1510), Pietro Perugino (c. 1450 – 1523), Leonardo da Vinci (1452 – 1519), Michelangelo Buonarroti (1475 – 1564), Raffaello Sanzio (1483 – 1520), Sebastiano del Piombo (c. 1485 – 1547), Tiziano Vecellio (1488 – 1576), Antonio Correggio (1494 – 1534), Michelangelo Merisi, dito Caravaggio (1571 – 1610), Dante Gabriel Rossetti (1828 – 1882), Jules-Joseph Lefebvre (1834 – 1912) e outros. (Foi uma musa notável mormente entre os renascentistas italianos).

³ No judaísmo, as mulheres, por não serem circuncidadas, não participavam da aliança entre os homens e Deus, celebrada nos tempos de Abraão (Gênesis 17: 10). Naquela sociedade patriarcal, as suas condições de vida eram degradantes, pois permaneciam elas sujeitas aos poderes paterno, enquanto solteiras, ou marital, enquanto casadas. Só divorciadas e viúvas desfrutavam de alguma liberdade, como seria o caso da primeira Madalena (ver item 2, retro).

4 Na adaptação cinematográfica do romance, o título foi ampliado para *The Last Temptation of Christ*. (EUA, 1988. Roteiro: Paul Schrader. Direção: Martin Scorsese. Obra lançada no Brasil com o título *A última tentação de Cristo*).

5 Os basilidianos, seguidores de Basilides (séc. II), teólogo gnóstico de Alexandria, sustentavam ter Simão Cireneu substituído Jesus na crucificação, porque este, encarnando a primeira emanção de Deus, jamais poderia morrer.

6 Corão, surata 4 (*As mulheres*), versículo 157: “*E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o Mensageiro de Allah (sic), embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o crucificaram, mas o confundiram com outro. E aqueles que discordam quanto a isso estão na dúvida, porque não possuem conhecimento algum, mas apenas conjecturas para seguir; porém, o fato é que não o mataram*”. (Tradução do original árabe diretamente para o português feita por Samir El Hayek, semelhante à tradução feita por Mansour Chalitta. Ver bibliografia infra). No seio das 114 suratas que compõem o Corão, há, pelo menos, 23 referências a Jesus, concentradas em apenas dez suratas (3, 4, 5, 6, 9, 19, 23, 43, 57 e 61), mas sem alusões a Maria Madalena. (Ora, o Corão é obra predominantemente masculina sem muitos ensejos para promover mulheres, ali relegadas a degraus subalternos da sociedade).

7 Como meros exemplos e sem caráter exaustivo das obras que sustentam ter Jesus sobrevivido à crucificação, arrolam-se a seguir alguns títulos publicados no final do século XX, com os respectivos autores:

a) ***The Holy Blood and the Holy Grail*** (1982) e sua continuação ***The Messianic Legacy*** (1986), ambos de Michael Baigent (1948 – 2013), Richard Leigh (1943 – 2007) e Henry Lincoln (1930 - 2022);

b) ***The Woman with the Alabaster Jar: Mary Magdalen and the Holy Grail*** (1993), de Margaret Starbird (n. 1942);

c) ***Bloodline of the Holy Grail*** (1996), de Laurence Gardner (1943 – 2010);

d) ***The Templar Revelation: Secret Guardians of the True Identity of Christ*** (1997), de Lynn Picknett (n. 1947) e Clive Prince (1947 – 2003);

e) ***Rex Deus: The True Mystery of Rennes-le-Château and the Dynasty of Jesus*** (2000), de Marilyn Hopkins (n. 1950), Graham Simmans (1919 – 2005) e Tim Wallace-Murphy (n. 1924).

BIBLIOGRAFIA RESTRITA

ALCORÃO. **O Alcorão**. Trad. Mansour Chalitta. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, [s. d.].

ALCORÃO. **O significado dos versículos do Alcorão Sagrado**. Trad. Samir El Hayek. 16. ed. São Paulo: MarsaM, 2014.

BÍBLIA. Apócrifos. **Apócrifos I e II: os proscritos da Bíblia**. Comp. Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1992.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ave Maria, 1979.

BÍBLIA. **King James Bible**. Disponível em: www.kingjamesbibleonline.org. Acesso em: 15 mar. 2024.

BIBLIOTECA de Nag Hammadi. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Nag_Hammadi. Acesso em: 18 dez. 2023.

BROWN, Dan. **O código da Vinci**. Trad. Celina Cavalcante Falck-Cook. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BURSTEIN, Dan (Ed.). **Os segredos do Código**. Trad. Carlos Irineu da Costa et al. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CONSTITUTIO Apostolica: *Missale Romanum ex decreto Concilii Oecumenici Vaticani II instauratum promulgatur*. Disponível em: www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-61-1969. Acesso em: 8 out. 2018.

DUFFY, Eamon. **Santos e pecadores: a história dos papas**. Trad. Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

EVANGELHO de Maria. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Evangelho_de_Maria. Acesso em: 19 dez. 2023.

GIBBON, Edward. **The History of the Decline and Fall of the Roman Empire**. New York: Fred de Fau, 1906. Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/titles/1376>. Acesso em: 30 dez. 2023.

HAAG, Michael. **Maria Madalena**. Trad. Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KAZANTZÁKIS, Nikos. **A última tentação de Cristo**. Trad. Waldéa Barcellos e Rose Nâmie Pizzinga. São Paulo: Círculo do Livro, [s. d.]

MACK, Burton L. **O evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs**. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PAGELS, Elaine. **Os evangelhos gnósticos**. Trad. Marisa Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Trad. Regina Aranha et al. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Ed. Atos, 2008.

TOYNBEE, Arnold J. **Helenismo: História de uma civilização**. Trad. Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Rio, abril de 2024.

APÊNDICE ICONOGRÁFICO



Fig. 1. SANTA MARIA MADALENA PENITENTE (c. 1565), óleo de TIZIANO VECELLIO (1488 – 1576). Med. 119 cm x 98 cm. Coleção Museu Hermitage, São Petersburgo.



Fig. 2. Vista da fachada da basílica de Sainte-Marie-Madeleine, em Saint-Maximin-la-Sainte-Baume, departamento de Var, região da Provença, França. Em seu interior se conserva até hoje o crânio que teria pertencido a Maria Madalena, a qual teria vivido nas proximidades durante muitos anos.



Fig. 3. Vista parcial do interior da caverna em Sainte-Baume, Departamento de Var, região da Provença, França, onde Maria Madalena teria vivido os seus últimos anos. Este santuário comporta atualmente cerca de 750 pessoas.



Autoria

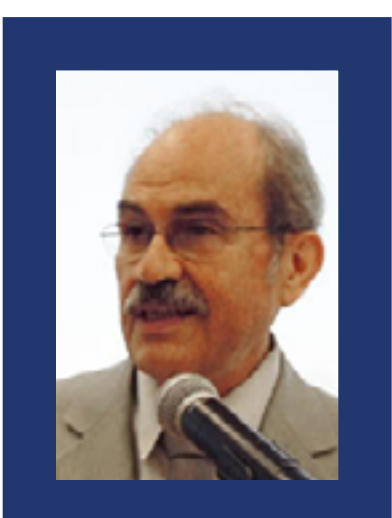
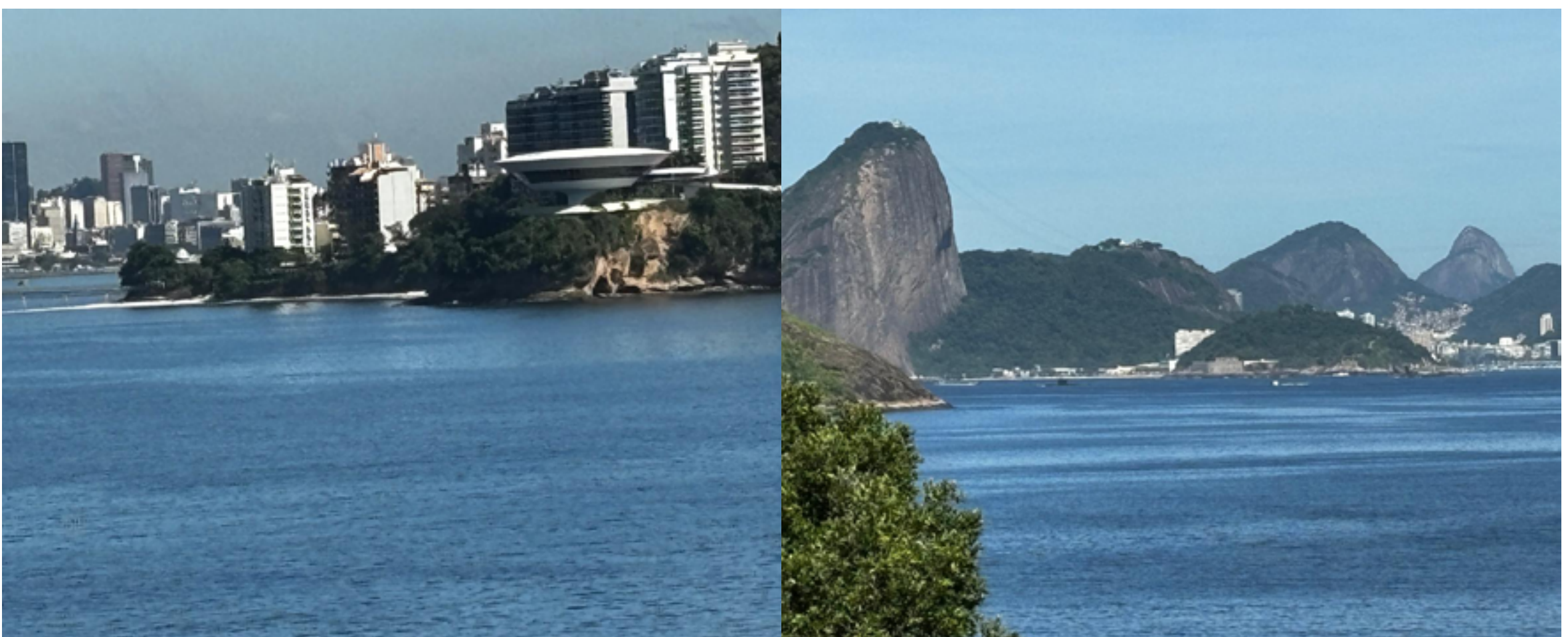
B. G. da Costa Fontoura

Juiz federal aposentado da 2ª Região

Fotografia



Amanhecer na Praia de Icaraí, Niterói, Rio de Janeiro



Autoria

Raldênio Bonifácio Costa

Desembargador federal aposentado da 2ª Região



ESPAÇO DOS(AS)
Aposentados(as)



AJUFE

Conheça o espaço em:

<https://www.ajufe.org.br/espaco-dos-aposentados>



ajufe.oficial



ajufe_oficial



tvajufe



ajufe_oficial



ajufe_oficial

www.ajufe.org.br